



O deus Bês do Egito em Ibiza (El dios Bes de Egipto a Ibiza)

Margaret M. Bakos¹

BRIEVA, Francisca Velázquez. **El dios bes de Egipto a Ibiza**. Elvissa: Museu Arqueològic d'Eivissa, 2007.

Palavras – chaves: Egito – deus bês - divindade egípcia.

Keywords: Egypt – god bes – god – Egyptian deity.

Bês é uma divindade que nunca fez parte dos considerados *grandes deuses egípcios*, não pertencendo a nenhum dos sistemas cosmogônicos da religião egípcia. Ele foi, não obstante, desde priscas eras, um deus muito popular no Egito e em muitos sítios, ao longo do mar Mediterrâneo, inclusive, durante o período conhecido como *Mare Nostrum*, sob a dominação romana. Aliás, a sua presença é particularmente sentida na ilha de Ibiza.

A primeira análise científica realizada sobre essa divindade encontra-se na **Description de l' Egypte**. Nesse texto, ele é identificado como **Tifón**, ser monstruoso, o menor dos filhos de Gea e Tártaro, com características de homem e de animal. Champollion, entretanto, logo se insurge contra essa proposição, advertindo que vários deuses estariam representados nessa mesma figura básica.

Nos anos seguintes, o deus Bês ou Besa torna-se objeto de inúmeros estudos que discutem sua possível origem: a Arábia, o oriente e/ou o sul da África. Esse último, foi considerado o local mais provável de seu surgimento, devido a evidências encontradas nos textos dos Templos de Dendera e de Phila; aos próprios epítetos e atributos exibidos por Bês, tais como penas de avestruz e peles de pantera e às

¹ Professora Dra. dos Cursos de Graduação e Pós-graduação (PUCRS), Bolsista Produtividade CNPq - mmbakos@portoweb.com.br



associações de sua imagem com os baboons, originários da Núbia; aos seus traços faciais: lábios grossos, nariz achatado, arco superciliar proeminente, enorme cabeleira, barba espessa, semelhantes aos dos pigmeus; e, finalmente, à sua imensa popularidade no reino de Napata-Meroe.

Além disso, na iconografia do deus, chama a atenção o seu aspecto leonino, que, aos poucos, vai-se transformando, devido ao processo de antropomorfização a que Bês foi sendo submetido no decorrer do tempo. Essa hipótese explicaria as pernas curvadas do deus no Reino Médio, atribuídas à dificuldade de se manter em pé, devido à sua natureza animal.

No período greco-romano, as representações de Bês mostram-no segurando com a mão esquerda uma serpente e, com a direita, uma espada. Aos finais dessa etapa, começam a aparecer registros de sua presença em *mamisis*, edifícios dedicados às deusas Hathor e Tawret, nos quais aconteciam os nascimentos dos filhos divinos, o que comprovaria sua associação e subordinação às missões protetoras das deusas. Com o triunfo do cristianismo, em 392, o deus foi, aos poucos, sendo considerado uma espécie de gênio maléfico que atormentava os monges (BRIEVA, 2007, p. 31).

Para a autora, entretanto, Bês é uma divindade que, com o desenvolvimento do culto, foi adquirindo diferentes naturezas: o seu nome revela *uma unidade dentro da aparente multiplicidade, até que sejamos capazes de resolver o problema* (BRIEVA, 2007, p. 15). A imensa confusão que se criou, ainda não bem resolvida, sobre a origem e características do deus pode ter surgido ainda na época egípcia antiga, pois, já então, parecem existir divergências entre as posições canônica e a popular, entre as primeiras imagens originais levadas pelos que viajaram para fora do país, e as representações feitas a partir de suas cópias.

Cronologicamente, as primeiras referências a Bês aparecem nas *facas mágicas*, e as últimas, em estelas, tão famosas como a de Metternich, mandada fazer por Nectanebo (360-342 a.C.), agora no Museu Nacional de Nápoles. Nessa estela, a imagem da cabeça de Bês é muito grande e está colocada sobre o corpo desnudo de



Harpocrates, que segura, nas mãos, animais peçonhentos, para evitar que eles façam mal às pessoas.²

Sabidamente, Bês não fazia parte de um culto de Estado, pois inexistem templos dedicados a ele. Recebia rituais em nível doméstico, o que incluía sua presença tanto em casas habitadas por operários em Deir el Medina ou Tell el Amarna, como em moradias suntuosas e até mesmo palácios, como o de Amenófis III, onde sua imagem aparece esculpida na cabeceira do leito real e/ou nas diversas residências de Ramsés II.

Bês, em linhas gerais, é configurado como um deus alegre e protetor dos lugares onde ficavam reclusas as parturientes. Acreditava-se ainda que ele velava também pelas crianças, pelo amor dos casais, pelos músicos e festas, pelos adormecidos, afastando deles as serpentes, bem como pelos defuntos no além.

No III, IV, e V capítulos, Brieva analisa a presença de Bês fora do Egito: no Mediterrâneo Oriental, Central e Península Ibérica. O primeiro exemplar encontrado de Bês foi uma figura em osso, localizada na Anatólia e datada do segundo milênio a.C.; mas, a partir daí, essas figuras começam a aparecer mais amiúde, nos mais diversos sítios, produzidas em outros materiais. Há, inclusive, figuras bizarras em escaravelhos representando Bês como esfinge. Acredita-se que a maioria dessas representações sejam fruto de manufaturas egípcias; mas, em algumas delas, há evidências, devido ao material utilizado em sua produção, de proveniência dos locais em que foram encontradas.

Finalmente, no VI capítulo, a autora dedica-se à análise minuciosa das representações do deus localizadas em Ibiza, constatando que, em alguns casos, Bês já se havia convertido em uma espécie de senhor dos animais.

Segundo Brieva, o reconhecimento da presença de Bês em Ibiza é resultado de um longo processo de pesquisa, pautado por longas discussões e a adoção de posições

² Essas imagens foram, por mim, apresentadas no I Congresso Internacional de **Religião, mito e magia no mundo antigo**, promovido pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, de 8-12 de novembro 2011, na comunicação intitulada: “Bês em Deir el Medina e no Mediterrâneo.”



controversas. O primeiro passo foi o aceite da existência de moedas de procedência **ibicenca** (BRIEVA, 2007, p. 100) nas quais a presença do deus pode ser identificada. Também foram localizadas, em Ibiza, dezenas de escaravinhos com a imagem de Bês, bem como imagens do deus em pé, desnudo sobre um sóculo. Essas descobertas são resultantes das escavações feitas na ilha e estão hoje depositadas no Museu Arqueológico de Ibiza. Nesse museu, também se encontra um importante número de amuletos de tipo egípcio, mas há ainda muitas dúvidas sobre suas procedências; alguns aventam que sejam originários das ilhas de Chipre, Cartago e Tharros. O famoso egiptólogo Jean Vercoutter (1911-2000) considerava que eles provinham de tumbas dos séculos VII e VI a.C., sendo autenticamente egípcias (BRIEVA, 2007, p. 130). Brieva constrói dez gráficos bastante complexos, registrando as peças encontradas, segundo o material empregado em sua produção, local das escavações em que foram encontradas e tipologias. A autora confessa, não obstante, a insuficiência de dados para conclusões mais objetivas sobre a história dessas peças.

O livro, de 259 páginas, é fruto da Licenciatura de Francisca Velázquez Brieva, defendida na Universidad Autónoma de Madrid. Em tom acadêmico, a publicação contém densas descrições, imagens em preto e branco, exaustivas e minuciosas revisões historiográficas sobre a história do deus, o que confere ao texto uma tal densidade de informações que torna, por vezes, penosa a leitura. Recomenda-se, entretanto, a não desistência, pois a leitura vale a pena: induz os visitantes de Ibiza, para além de aproveitarem as praias da ilha³, a conhecerem o Museu Nacional, no qual todas essas peças podem ser melhor admiradas.

³ Agradeço ao Dr. Phillip Gomes Jardim, querido sobrinho, que, de sua viagem a Ibiza, trouxe formidáveis subsídios para o futuro desenvolvimento desta pesquisa.